

ENTRE A DOR E A AUSÊNCIA: O CORPO NEGRO COMO FICÇÃO DE MEMÓRIA E (RE)EXISTÊNCIA

MARIA EDUARDA DE SOUZA COSTA;¹ DENISE MARCOS BUSSOLETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – dudac9361@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – denisebussoletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A investigação no campo da arte, da tecnologia e da sociedade não pode se apartar das questões raciais. Toda pesquisa nesse território constitui também um exercício de autoconfronto, uma vez que a história da arte e da fotografia carregam marcas profundas de apagamento, dor e objetificação da população negra. Nesse sentido, refletir sobre a imagem configura-se como um gesto político: reconhecer a violência histórica inscrita em retratos e pinturas, assim como vislumbrar as possibilidades de reexistência e reparação quando corpos negros assumem a autoria de suas próprias narrativas visuais. A imagem nunca foi neutra. Desde o período colonial, corpos negros especialmente os femininos foram inscritos em um imaginário visual construído para consolidar uma lógica de dominação: submissão, sexualização, servidão e apagamento. Tal enquadramento estético-político atravessa a história da arte e da fotografia, que por muito tempo relegou à população negra o lugar de objeto, jamais de sujeito da representação. Mesmo nos arquivos e instituições que formam a história da arte e da tecnologia é escassa a presença de artistas negras, assim como da representação de pessoas negras e de suas experiências sensíveis, existenciais e políticas fora do ambiente marcado pela violência, submissão, dor e apagamento.

Segundo HOOKS (1995), “quanto mais dolorosas as questões que confrontamos, maior a nossa falta de articulação”. A autora argumenta que, na cultura visual hegemônica, imagens racializadas de dor são consumidas passivamente, enquanto aqueles que criticam tais padrões são frequentemente deslegitimados por apresentarem “uma visão estreita” ou por adotarem uma suposta “política de respeitabilidade” (HOOKS, 1995, p. 29). A dificuldade de nomear e articular a experiência negra atravessa tanto a teoria quanto a prática cultural. Como aponta Bell Hooks (2003, p. 29), quanto mais dolorosas são as questões que confrontamos, maior é a falta de linguagem para expressá-las. James Baldwin já destacava, em *Da próxima vez, o fogo*, que “quase não havia linguagem” para descrever os horrores da vida dos negros. Essa ausência de palavras não se limita à expressão da dor, mas também à articulação do prazer e da própria subjetividade, evidenciando como modelos hegemônicos de ver, pensar e ser bloqueiam a capacidade de se imaginar e se inventar de modos libertadores. O documentário *Black Is... Black Ain't* (RIGGS, 1994) reforça essa reflexão, mostrando que a comunidade negra há muito tempo enfrenta um desafio de autoidentificação: em grande parte da história, fomos nomeados por outrem, o que gerou uma obsessão por definir a nós mesmos e compreender a própria identidade. Assim, a produção artística e visual emerge como espaço de resistência e reconstrução, oferecendo meios de criar narrativas que rompam com as imposições externas e permitam a reapropriação da própria história e subjetividade. Na contemporaneidade, artistas negras têm tensionado essa lógica de representação e criado novas possibilidades para o corpo negro na imagem. A produção visual de Mayara Ferrão, artista nascida em Salvador (BA), representa

uma dessas fraturas no imaginário colonial. Ao mobilizar ferramentas tecnológicas como a inteligência artificial para construir retratos e paisagens afrofuturistas, Ferrão inscreve corpos negros em universos poéticos, espirituais e tecnológicos em cenários em que não puderam existir com liberdade.

Essa proposta estética se aproxima de outras artistas negras brasileiras, como Rosana Paulino, Aline Motta e do curta-metragem Travessia (2017), de Safira Moreira. Todas essas produções se debruçam sobre a ausência, o apagamento e a disputa pela memória negra, mas Ferrão propõe um gesto que ultrapassa o simbólico: suas imagens operam como tecnologias de reparação estética e epistêmica. Este trabalho insere-se na área das artes visuais, articulando arte, fotografia, tecnologia e estudos culturais. O objetivo é investigar criticamente a representação de corpos negros na história da arte e da fotografia, analisando como tais imagens foram construídas através de enquadramentos de dor, submissão, apagamento e objetificação. Busca-se compreender também como novas abordagens, incluindo práticas artísticas contemporâneas e tecnologias, permitem reimaginar o passado, tensionar narrativas hegemônicas e transformar o irregistrável não mais em ferida, mas em presença visível, atuando como gesto de reparação simbólica e afirmação cultural.

2. METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter interpretativo e crítico, apoiada em um referencial teórico interdisciplinar que articula conceitos de estudos culturais, filosofia da arte, estética e crítica da tecnologia. A investigação concentra-se na representação de corpos negros na história da arte e da fotografia, considerando os enquadramentos de dor, submissão e apagamento, bem como as práticas contemporâneas que reconfiguram essas imagens. Para tanto, realiza-se um levantamento bibliográfico e documental que orienta a análise crítica das obras. BELL HOOKS (1995) fornece um olhar fundamental sobre a política da imagem negra, permitindo compreender como o apagamento e a deslegitimação histórica moldaram as representações da população negra e como a crítica cultural pode propor formas de visibilidade e resistência. SUSAN SONTAG (1977) contribui ao refletir sobre a fotografia, a ética da imagem e o poder das representações visuais na construção de narrativas sociais, oferecendo instrumentos para analisar a relação entre imagem, memória e violência simbólica. GISELE BEIGUELMAN (2009) apresenta a arte contemporânea como um processo tecnológico, em que máquinas e códigos atuam como agentes criativos, fornecendo um referencial para compreender o uso de inteligência artificial na reconstrução de imagens históricas e na criação de novas narrativas visuais. GEORGES DIDI-HUBERMAN (2019) provoca uma reflexão sobre a relação entre imagem e memória, mostrando que as imagens não são apenas o que vemos, mas também aquilo que nos olha de volta, construindo múltiplos sentidos e afetos, o que é central para analisar os efeitos da representação e do apagamento. SUELY ROLNIK (2005) enfatiza a dimensão política e afetiva da criação artística, ressaltando como a arte pulsa nos espaços onde a vida resiste, permitindo interpretar a obra de artistas negras como gestos de insurgência e reexistência. JOHN DEWEY (2010) fundamenta a pesquisa ao situar a experiência estética como um encontro sensível entre corpo, mundo e outro, tornando possível compreender a criação artística como processo vivencial, que vai além da mera reprodução. Por fim, CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE (2014), por meio de suas reflexões sobre narrativa e representação,

contribui para a compreensão de como histórias e imagens podem reforçar ou desafiar estereótipos, oferecendo subsídios para a análise crítica de narrativas visuais que buscam reverter apagamentos históricos.

A metodologia inclui a análise iconográfica e iconológica das obras artísticas e fotográficas, investigando elementos visuais, simbólicos e estéticos que estruturam a representação de corpos negros, assim como o contexto social e político de sua produção. A pesquisa contempla ainda o exame de casos contemporâneos, com destaque para a produção de Mayara Ferrão, observando como a artista utiliza tecnologias digitais, para reconstruir narrativas visuais e afirmar presenças historicamente apagadas. Por fim, realiza-se uma interpretação comparativa e reflexiva que articula passado e presente, cruzando imagens históricas e contemporâneas, de modo a evidenciar como a arte, a fotografia e as tecnologias atuam como gestos de reexistência, transformando o irregistrável como instrumentos de afirmação cultural, reparação simbólica e reflexão crítica sobre memória e representação da população negra.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o surgimento da fotografia no século XIX, o estatuto da imagem esteve marcado por debates sobre técnica e estética. Inicialmente considerada apenas um procedimento de reprodução, a fotografia rapidamente consolidou-se como linguagem visual, mas continuou reproduzindo os vieses coloniais e racistas das elites que controlavam os meios de produção e circulação. Pinturas acadêmicas, gravuras e fotografias historicamente objetificaram indivíduos negros, reforçando hierarquias raciais e naturalizando relações de poder coloniais. Conforme destaca SUSAN SONTAG (1977), o ato de fotografar nunca é neutro: seleciona, enquadra, congela e muitas vezes estetiza a dor e o sofrimento, transformando imagens em instrumentos de poder e subalternização. Pinturas acadêmicas, gravuras e fotografias de séculos passados frequentemente objetificaram indivíduos negros, reforçando hierarquias raciais e naturalizando relações de poder coloniais.

Práticas artísticas contemporâneas tensionam padrões hegemônicos ao mobilizar tecnologias digitais e inteligência artificial, permitindo que artistas negras reconstruam narrativas visuais e transformem experiências silenciadas em presença significativa (BELL HOOKS, 1995). Essas imagens atuam como dispositivos de memória ativa e reexistência, iluminando zonas de apagamento e invisibilidade (DIDI-HUBERMAN, 2019) e ativando afetos e memórias coletivas, funcionando como políticas do sensível (SUELY ROLNIK, 2005). Ao questionar a neutralidade das tecnologias e bancos de dados visuais coloniais, artistas como GISELE BEIGUELMAN (2009) inserem corpos negros ausentes ou marginalizados em sistemas digitais, promovendo uma descolonização imagética. Integrando corpo, tecnologia e memória, a arte negra contemporânea se configura como gesto de afirmação cultural, reparação simbólica e resistência estética (DEWEY, 2010), evidenciando que imagens de corpos negros na arte e na fotografia podem transformar a cultura, questionar a história oficial e propor futuros nos quais a presença negra seja central e autoral (BELL HOOKS, 2005, p. 33).

4. CONCLUSÕES

O estudo evidencia que a representação de corpos negros na arte e na fotografia reflete relações de poder, exclusão e apagamento histórico, não

podendo ser compreendida como campo neutro. Obras contemporâneas que tensionam narrativas hegemônicas transformam o irregistrável em presença visível, atuando como gesto de afirmação cultural e reparação simbólica. A incorporação de tecnologias digitais, incluindo inteligência artificial, amplia as possibilidades de reimaginar o passado e reconstruir memórias, permitindo que corpos historicamente marginalizados assumam centralidade e protagonismo na narrativa visual. As reflexões de CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE (2015) sobre a “perigosidade de uma única história” reforçam a necessidade de múltiplas perspectivas na produção e interpretação de imagens. Ao recuperar e reinventar representações de corpos negros, artistas e pesquisadores contribuem para quebrar narrativas únicas que naturalizam a dor e a subalternidade, oferecendo alternativas de reexistência, agência e protagonismo. Assim, a produção visual contemporânea atua como gesto político, ético e cultural, capaz de intervir na sociedade e promover diálogos significativos sobre identidade, memória e justiça social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BEIGUELMAN, Giselle. **Memória da amnésia: Políticas do esquecimento**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2009.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

FERRÃO, Mayara. **Inteligência artificial, decolonialidade e coragem**. Entrevista concedida a Tiago Rocha. Alabá Duê, 2023. Disponível em: <https://alabadaue.com/mayara-ferrao-inteligencia-artificial-decolonialidade-e-coragem/>. Acesso em: 08 ago. 2025.

HOOKS, bell. **Olhares negros: Raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

MOREIRA, Safira. **Travessia**. Curta-metragem, Brasil, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m7ZFO8GEx3Y> . Acesso em: 28 ago. 2025.

RIGGS, Marlon. **Black Is... Black Ain't**. Documentário, 1994. EUA.

ROLNIK, Suely. **A alma do mundo: Atualidade de uma estética da existência**. São Paulo: n-1 edições, 2006.

SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.